

Helenrose Aparecida da Silva Pedroso
Heder Cláudio Augusto de Souza

ABSURDO DA REALIDADE: O MOVIMENTO *PUNK*

Junho de 1983

A

Destroyer e Terror

Aos

Metralhas, *Punkids*, Anjos, Carecas e *Punks*.

Índice

Prefácio	4
Introdução	6
Parte I - Anarquia em 77	8
Capítulo 1 - A criação do estilo	8
1. Música de garagem	8
2. Ruptura e moda	10
2.1 Bandas <i>punks</i> em 77	12
3. Formação de um estilo próprio	14
Capítulo 2 - Movimento <i>Punk</i>	17
1. Universo <i>punk</i>	17
2. <i>Punk's not dead</i>	20
Parte II - O estilo <i>punk</i> na região metropolitana de S.Paulo ..	25
Capítulo 3 - Das limitações à criação de um estilo próprio ..	26
1. A criação do estilo <i>punk</i>	26
2. A formação de <i>gangs</i> e guerra de <i>gangs</i>	28
Capítulo 4 - A guerra de posturas	31
1. Introdução	31
2. Ou anarquia ou organização	32
3. Agitação <i>punk</i> : ABC e Zona Leste	38
3.1 As <i>gangs</i>	40
3.2 A guerra	42
3.3 Agitação <i>punk</i>	44
3.4 A mídia	46
Conclusões	48

PUNK EXECUTA "CASAGRANDE"

P
LUNK IS
DEAD

**LUNK'S
NOT DEAD!**

gravadoras... enco...
rão o caminho do sucesso.
Hoje o punk é quase uma lembrança
nos arquivos da new wave. Serenados
e despertado...

Presença da
PM tumultua
o show punk

Punk proibido

O rock é de direita?

bale punk futurista

trô, para...
aqueles que vendem artesanato
ali mesmo e que fogem tão logo chegam
aqueles violentíssimos e sujos jovens
desesperados: os punkers, representan-
tes meio atrasados de um movimento
que nasceu na Inglaterra em meados
dos anos 70, e praticamente já morreu
por lá

Os exóticos
"punkers"

... e que andam sempre...
Com correntes, estiletes, facas, canivo-
tes, machados, às vezes até revólveres.
Discípulos de Satã, o ídolo que vende
... não vem muita dif...

Festa dos punks termina
com prisões
**The impotent
new punk**

Da...
"punk mesmo."

A MODA PUNK

ntemporâ... ou se...

**Todo MUNDO
é um LIXO!**

...o Lixo... os...

Prefácio

Fui apresentado ao Heder e à Helenrose por Gilda Gouvea que me propunha uma orientação do trabalho que os dois estudantes de graduação pretendiam realizar com bolsa de iniciação científica da FAPESP.

Aceitei a sugestão confiando em Gilda e não me arrependi. Pelo contrário, o trabalho de pesquisa, cujos resultados são apresentados aqui, revelam a dedicação e a seriedade que caracterizam o envolvimento de Heder e Helenrose com os seus estudos. Mas além disso, este trabalho contém relato e análise de movimento social urbano que apresenta uma tensão resultante de seu caráter niilista que foi perfeitamente captado por seus autores. Quer como registro do movimento, quer como reflexão sociológica esse trabalho merece ser publicado nos "Cadernos do IFCH" como incentivo e prêmio a esses dois dedicados ex-alunos.

Quero aproveitar esta oportunidade para agradecer à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), que proporcionou bolsas aos autores deste estudo.

Campinas, março de 1983

Manoel Tosta Berlinck

Introdução

O Sex Pistols, principal banda *punk*, já tinha se dissolvido, o baixista do grupo tinha tomado *overdose* de heroína após ter esfaqueado sua garota, a imprensa já tinha dado o estado de óbito do *punk*; no entanto, na região metropolitana de São Paulo, em 1980, época que marca nosso encontro com os *punks*, não somente havia *gangs* de *punks*, bandas *punks* e suas relações de grupos, como também talvez o aspecto mais interessante, um estilo de vida original e autêntico, entre os jovens *punks*, sim, porque além de ter sido uma nova maneira dos jovens encararem sua realidade, o estilo não foi simplesmente uma cópia do *punk* inglês, pois seu conteúdo era basicamente constituído por valores da classe popular, sua classe social. Inédita também na história da juventude brasileira era sua organização, dando-lhe um caráter de movimento urbano, ou melhor, suburbano, negando completamente o que a imprensa acusa: mais um modismo importado.

A fim de compreender as relações que os *punks* mantinham entre si e para fora dos grupos, não bastava que nossa pesquisa fosse realizada através da coleta de dados, a partir da observação participante. Para tal, nos dedicamos a uma breve história do *rock'n'roll* (dando ênfase à "música de garagem"), o seu significado e valor para os jovens como fonte de inspiração para criar estilos de vida; nos valem para isso da escassa bibliografia existente sobre o assunto, basicamente reportagens de revistas especializadas, nacionais e estrangeiras e matérias jornalísticas esporádicas.

Mais importante ainda foi o trabalho para reconstituir a história do surgimento do *punk* enquanto identidade, na região metropolitana de São Paulo, a partir dos depoimentos dos próprios *punks*, uma vez que não existia nenhuma bibliografia, e se quer reportagens jornalísticas sobre o assunto no Brasil.

d. 80 A 83

7.

Juntamente com o levantamento de dados para essa reconstituição, desenvolvíamos a análise do estilo e da organização dos grupos dentro do período em que nos encontrávamos (1980), e foi a investigação desses dois momentos que levou-nos à constatação de um processo de modificação nos valores punks, que provocou o surgimento de uma nova postura, que entrará em conflito com a original.

O presente trabalho é o resultado da observação e análise das diferentes posturas que compõem o fenômeno *punk* (até início de 1983), tanto na Inglaterra como na região metropolitana de São Paulo, e o papel da imprensa como forma de divulgação e massificação dos valores *punks*.

Parte I

ANARQUIA EM 77

Capítulo 1 - A criação do estilo

1. Música de garagem

Punk, em inglês, significa lixo, coisa podre ou sem valor. Inicialmente serviu como designação do *rock* de garagem (*rock* que não tinha necessidade de estudo musical, feito por jovens, com poucos recursos instrumentais e principalmente uma estrutura básica e simples do *rock'n'roll*). Eram grupos pequenos; geralmente a garagem servia como ponto de partida para a maioria dos grupos e para aqueles que não tinham acesso aos meios de comunicação, gravadoras e locais de *show*.

Na primeira metade dos anos sessenta, esse termo foi utilizado para designar a representação satírica e irônica que alguns grupos musicais norte-americanos fizeram com a explosão musical inglesa (Beatles, Rolling Stones e Animals).

As raízes desse tipo de comportamento, imitar de forma grotesca os ídolos, se manifestou desde o início do *rock'n'roll*, quando alguns garotos imitavam Chuck Berry, Little Richard, Jerry Lee Lewis, Elvis Presley, Bill Haley, etc.(1).

O espírito que prevalecia na música *pop* dos anos sessenta eram flores, explosões coloridas, drogas pesadas, psicodelismo, enfim a busca da harmonia que desemboca em filosofias orientais e fuga para o campo, a era do "paz e amor". Por outro lado, o

(1) Sousa, Okky, "Punk rock, o rock dos moleques", *Rock, a história e a glória*, Rio de Janeiro, RJ, Editora Maracatu, julho(?) de 1977, nº 20.

subúrbio nova-iorquino, a prostituição, o sado-masoquismo, eram versados pelo conjunto Velvet Underground, de uma forma simples, rudimentar e violenta, oposta ao *rock* dessa fase onde predominavam os Beatles em sua apologia à beleza. A postura do Velvet, liderado por Lou Reed em colaboração com o artista plástico Andy Warhol, chocante, agressiva, com linguagem e atitudes próprias do "universo marginal", pode ser considerada precursora do fenômeno *punk* por se manter fiel à linguagem do *rock'n'roll*, que estimulava a rebeldia e a contestação dos valores morais. Também ao lado do Velvet, o Troggs(2) retomava a linguagem do *rock'n'roll* (simples, agressiva) e repudiava a complexidade musical que reinava.

Esses grupos permaneceram marginais, relegados a tocar em pequenos clubes e boates e nunca atingiram a parada de sucesso.

Já os anos setenta foram marcados pelos grandes *shows*, pela complexidade musical que a música *pop* atingiu, pelos *superstars* e por outro lado, a *disco-music*, enfim, a música *pop* se distanciava cada vez mais da essência do *rock'n'roll*, ao mesmo tempo se tornando um grande investimento comercial.

A música pré-*punk* continua marginal, representada pelos grupos Mott the Hoople, pelo visual pornográfico do New York Dolls e pelos Stooges(3).

Segundo John Cale, um dos integrantes do Velvet Underground, os anos setenta foram uma década muito difícil para quem era jovem na época. Ele diz que um dos problemas maiores foi não ter chegado a um consenso sobre rebeldia e as coisas só começaram a se definir na segunda metade da década, quando os jovens descontentes descobriram as fórmulas do Velvet e passaram a fazer *punk-rock*(4).

(2) Souza, Okky, op.cit., 1977.

(3) Souza, Okky, op.cit., 1977.

(4) Lacerda. Marco Antonio, "New Wave, a versão comercial do velho *punk*", O Estado de São Paulo, 2 de agosto de 1981.

Os *gays* e os negros, com a *disco-music*, transmitiam a fantasia e a liberação, que levavam à passividade e à idéia de "tudo bem", enquanto que os jovens *punks* se rebelavam com violência, anarquia e niilismo.

2. Ruptura e Moda

Em meados dos anos setenta, a música *pop* e mais especificamente o *rock* pesado e o progressivo, já não conseguiam atingir o público jovem com a mesma força e entusiasmo do final dos anos sessenta. As grandes bandas estavam praticamente estagnadas em suas fórmulas musicais e não surgiam novas bandas com propostas renovadoras; apenas se limitavam à reprodução destas outras, mas sem a mesma força.

E é nessa fase que o *rock* se transforma num grande investimento comercial, levando em conta a grande tiragem de discos, os grandes *shows* e turnês.

Quanto ao público, este sentia o distanciamento cada vez maior da essência do *rock'n'roll*: o conteúdo dessas bandas já não mais se identificava com os valores e estilos de vida da grande maioria dos jovens, tanto os de classe média (sendo que parte desta já em vias de proletarização) como os de classe popular. Os temas mais abordados pelos principais grupos de *rock* dessa época foram viagens oníricas, misticismo desembocando algumas vezes no terror, a consciência cósmica, o intimismo, construções épicas, tudo isso banhado por milhares de instrumentos sofisticados, efeitos visuais, até de raio *laser*, enquanto que a realidade dos jovens não era essa pois ao invés de possuírem *limousines*, gravadoras e mansões como os *superstars*, eles viviam o desemprego, a falta de perspectiva de vida, de lazer e a violência nas ruas.

Os principais atingidos pela crise econômica nessa época foram os jovens de classe popular e as minorias de imigrantes e

foram justamente esses jovens que, por um lado, inspiraram a moda punk e, por outro, recriaram o estilo punk.

┌ Nas ruas o número de jovens desempregados aumentava cada vez mais, sem ideologia, sem perspectiva, algumas vezes se reunindo em grupos, submersos na marginalidade com sua rebeldia e anarquia, sem um elo de ligação que os unisse entre si.

Malcolm McLaren, um empresário musical e dono de uma boutique denominada Sex, investiu na criação de um estilo. Inspirando-se nesses grupos espontâneos de jovens de classe popular, no descontentamento dos jovens com a música da época, na linguagem do caos e da crise, ele monta um grupo musical, os Sex Pistols, e com ele as novas formas musicais, se contrapondo ao som da época, e um novo estilo(5). criar novo estilo

McLaren elabora uma nova moda que revive alguns valores dos anos cinquenta, como por exemplo as jaquetas de couro, só que a gora também com cores vivas e de plástico, o cabelo curto, a brilhantina e os óculos escuros juntamente com novas criações como cabelos coloridos, vestimentas pornográficas e esdrúxulas, coleiras, suásticas e tudo mais que viesse à cabeça e que pudes se criar um visual chocante e agressivo. moda

Assim, essa nova onda que explodiu com os Sex Pistols, divulgada pela mass-media, provocou a formação de duas posturas: uma ligada estritamente à moda punk, que se prendia mais ao visual (excessivamente estilizado, geralmente usando roupas caras de boutiques) para chocar, mas de uma forma artificial, pois não assumia comportamentos relacionados a essa estética; e a outra, que se valeu do apêlo à agitação e anarquia para criar um estilo de vida que rompesse com os valores burgueses, condenando a moda e levando às últimas conseqüências o punk, como atitude rebelde e violenta contra a sociedade. Estas posturas não estavam uma outra

(5) Barroso, Júlio, "Punkorama", Jornal de Música, edição especial, novembro/dezembro de 1978.

isoladas uma da outra; elas se inter-relacionavam e se confundiam.

Essa fase se caracterizava pela diversidade de idéias, graças ao clima criado incentivando a agitação. O que havia de comum entre os conteúdos dessas novas idéias era a forma de manifestá-las, ou seja, era o fato de todas adotarem uma nova linguagem musical e um novo tipo de comportamento, chocante, agressivo, de caráter rebelde e agitado, retomando o *rock'n'roll* como ritmo básico. Assim, não havia limite ou definição de uma postura *punk* e sim várias formas convivendo juntas, permitindo a generalização do rótulo *new wave*, pela *mass-media* (6).

Era também a fase de ruptura com padrões já estabelecidos na sociedade na qual a criatividade e originalidade tornaram-se a essência da agitação e onde não existia estrutura definida e nenhum tipo de organização; pelo contrário, era o rompimento com tudo isso e com as formas de estética estabelecidas.

A mídia funciona como meio de aliviar as tensões provocadas pela ruptura, pois ela serve como mecanismo de reaproveitamento dos novos valores, massificando-os, fazendo com que se caracterize seu aspecto radical, pois retira-os de seu contexto esvaziando o seu sentido original.

2.1 Bandas *punks* em 77

As bandas *punks* (7) não somente se inspiraram nos jovens de classe popular mas também a maioria fazia parte dela. Sem dúvida, foram elas que incentivaram e criaram as bases sobre as quais se consolidou a identidade *punk*.

(6) Barroso, Júlio, op.cit., 1978.

(7) Coon, Caroline, "Punk rock: rebels against the system", Melody Maker, 7 de agosto de 1976, p.24, Londres.

A proposta das bandas não era cair fora do sistema e sim utilizar de meios alternativos e a mídia para destruí-lo por dentro, objetivando a conquista de um espaço próprio para a participação, conscientização e lazer. Para isso a mídia se torna um poderoso meio de expansão para o *punk*; ela se vale deste novo estilo vendo-o como uma fonte de investimento e em consequência deteriora a postura das bandas dando maior importância ao que mais facilmente poderia ser consumido pelo público, o visual e a música, empobrecendo o conteúdo original do novo estilo.

Sendo assim, estar dentro da mídia representava um grande perigo de transformar o *punk* simplesmente em moda e para que isso não ocorresse o mais importante era manter autêntica a postura das bandas *punks*. Johnny Rotten, vocalista do Sex Pistols, dizia numa de suas músicas: "Eu uso o inimigo, eu uso a anarquia porque eu quero ser um anarquista... eu quero destruir".

Os principais grupos musicais na primeira fase do *punk* são o The Clash, Ramones e Sex Pistols, sendo que este último foi o que explodiu de forma mais chocante em 1977(8), e elaborou alguns dos principais símbolos: a suástica, indicando destruição da ordem estabelecida, a falsa idéia de liberdade nas democracias e para chocar os princípios morais burgueses; os alfinetes, significando objeto sem valor; correntes indicando violência e assumindo nas roupas rasgadas, sujas e velhas, a beleza do lixo.

A música do Sex Pistols que fez mais sucesso foi "God save the Queen" que foi proibida nas rádios inglesas(9) porque além de insultar a rainha com palavrões, acusava-a de roubar o dinheiro do povo. Proclamavam a anarquia e a destruição na Inglaterra, a luta contra o imperialismo e "jogavam na cara" das pessoas que, com a situação econômica atual, não havia futuro para ninguém.

(8) Stevenson, Ray, Sex Pistols File, (79), Distributed by Book Sales (London and Svrney).

(9) Barroso, Júlio, op.cit., 1978.

Johnny Rotten refletia bem o desespero do jovem na sociedade super industrializada, agredindo-a verbalmente, e sendo contra a violência pela violência e contra a moral que oprime os jovens, de forma agressiva, pornográfica, irônica e anárquica, procurando não se limitar a platéias punks, manifestando em suas letras e modo de cantar toda revolta contra a miséria e hipocrisia da sociedade. O Sex Pistols participou com outras bandas *punks* e de *reggae* de *shows* denominados "Rock contra o racismo". Esse conjunto acabou em 1978 devido a desentendimentos entre seus integrantes.

Já o Clash (10) incitava jovens e proletários a se revoltarem e provocar tumultos. Fizeram parte de *shows* denominados "Rock contra o fascismo"(11). Usavam símbolos de grupos guerrilheiros de diversos países pois se identificavam com eles na forma de revolta contra o poder e não com seus conteúdos ideológicos.

Uma banda americana, Ramones, satirizava em suas letras o excesso de romantismo e alguns cantores americanos; falavam do ódio à escola e anunciavam o fim dos anos setenta, tudo isso num ritmo de *rock'n'roll*, descontraído e irônico, com o tipo de moleques cheirando cola no telhado.

3. Formação de um estilo próprio (12)

Inicialmente não havia proposta de construção de um movimento *punk*; se pensava na liquidação dos rótulos, de um estereótipo definido que delimitasse a criatividade e originalidade, sen

-
- (10) Gunn, Keith, "What happened to revolution rock?", Melody Maker, 4 de abril de 1981, p.24, Londres.
- (11) Barroso, Júlio, "Ousar é preciso", 18 de fevereiro de 1981, Veja, p.76.
- (12) Definimos estilo de grupo como sendo as práticas comuns de um certo grupo, onde as concepções de vida e valores são consenso e generalizadas, que independem da existência de identidade.

do uma forma de escapar da apropriação, rotulação e teorização racional pela sociedade. Uma forma utilizada pelos *punks* contra a apropriação e a manipulação foi a criação de uma linguagem, com portamento e símbolos com caracteres ambíguos, às vezes contraditórios e anti-teóricos para, além de se tornar uma coisa própria do estilo, não ser acessível racionalmente.

Os valores comuns das bandas foram os elementos que criaram o estilo *punk*. Embora estas bandas tivessem concepções, idéias, atitudes e estereótipos diferentes, a mídia e os jovens se apropriaram desses valores estabelecendo um elo de ligação entre eles sob a designação de *punk*, sendo definida como, além do caráter inovador, uma postura rebelde, violenta e inconformista.

O posicionamento rebelde contra a sociedade consumista e moralista, a ligação com o *punk-rock* e a falta de lazer fez surgir a identificação entre os indivíduos, se apegando a comportamentos e linguagem, ou seja, a um universo simbólico. Essa identificação, além de funcionar como resposta ao repúdio da sociedade pelas idéias e atitudes *punks*, consolida uma postura que tem como fator mais importante a integridade para que os seus valores fossem preservados, contra a tentativa de fazer moda pelos meios de comunicação e como forma de dar prosseguimento à sua contestação.

Vê-se assim um processo de delimitação e definição do estilo *punk* desembocando na identidade *punk*, baseada essencialmente numa postura violenta, anárquica, onde a idéia de *punk* passa a ter o sentido de podre, sujo, escrachado.

A formação das *gangs* se deu como uma forma de assegurar uma coesão e uma organização para preservar e legitimar a identidade, provocando uma socialização desta e por isso mesmo exigindo uma definição mais explícita da postura *punk*.

O grupo e a *gang* são a forma de pôr em prática a contestação individual, permeada por um sentimento coletivo, e é através deles que os indivíduos vão afirmar a identidade *punk* para si, para o grupo e para fora.

A *gang* dá liberdade para o indivíduo mas essa individualidade nunca vai negar a integridade da identidade. O grupo não limita o indivíduo e nem é autoritário para com ele pois o grupo se organiza a partir da convivência desses indivíduos e é essa convivência que dará sentido à essência do *punk*.

A integridade exigida dentro do grupo é usada para controle e conservação da essência da identidade, sendo isso um consenso pois o estilo foi criado e controlado pelo grupo. O grau de exigência oscila de grupo para grupo; ele tem um espaço para mudança. Essa exigência é criada e compartilhada por todos e por isso não pode ser considerada como imposição a partir da idéia de que o indivíduo do grupo (cada um) considera fundamental a preservação da integridade. Todos sentem o que é a essência do *punk*, não querem um desvirtuamento da identidade e daí o fato de não negarem o estilo *punk*.

Ao mesmo tempo que a *gang* incentiva a individualidade, esta se vê limitada pelo desejo de preservação da identidade; isto porque o aspecto crítico da postura *punk*, que é uma característica fundamental, não aceita atitudes e idéias que entram em choque com as concepções do estilo *punk* pois necessitam de ações para, além de se identificarem, reforçar a identidade.

desvirtuado individual
grupo não é autoritário
pld indivíduos

Capítulo 2 - Movimento *punk*

1. Universo *punk*

A partir de 77 a identidade *punk* começa a se cristalizar, e os *punks* dão à agitação um caráter de movimento composto basicamente de jovens da classe operária e desempregados.

É dentro do movimento que aparece a nova concepção da música *punk*: agora não basta somente a música ser de garagem, mas assume toda a postura do movimento; não é somente voltada para a arte mas tem todo o caráter político e é essencial e estritamente ligado a ele, por isso tem-se a radicalização da forma musical, passando a representar todo o estilo *punk*.

O que há de comum na forma e no conteúdo da música *punk* são a agressão e a violência que são utilizados para, além de diferenciar como linguagem e símbolos próprios, contrapor à passividade e ao conformismo do *rock* da época, sendo também uma das principais formas de manifestação; a linguagem, simples tanto na música quanto na letra; deboche, sarcasmo, ironia e rebeldia; o niilismo e a anarquia.

Quanto à forma, o visual é carregado de valores para chocar, utilizando-se assim de objetos sem valor, roupas velhas, rasgadas, sujas, etc., aparelhagem de som simples e principalmente utilizando-se de um *rock'n'roll* básico e direto, nervoso e agitado, com ruídos e sem necessidade de uso de grandes recursos técnicos; basta um vocal que se sobressaia, uma guitarra, um baixo e uma bateria.

Quanto ao conteúdo, nas letras estão representadas todas as práticas políticas do movimento (posição contestatória a todos os regimes políticos, a contestação ao *rock* estabelecido pelos *superstars*, aos *hippies*, aos burgueses). Por outro lado, nas letras encontraremos as posições ideológicas que se referem

ã exploração do trabalho, contra o aborto, contra o imperialismo, contra o fascismo, contra a corrupção, a mentira, incentivando as revoltas sociais contra o poder das classes dominantes, a agitação que faz parte da prática *punk* e a procura de um lugar de divertimento próprio para os *punks*. A partir destas posições aparecem duas características que consideramos importantes: a primeira de caráter niilista que não propõe um projeto de sociedade pois objetiva a destruição de todos os valores e verdades, sendo esta predominante na fase inicial do *punk*; já a segunda aparece como uma tentativa de criar uma sociedade anarquista baseada na experiência vivida pelos *punks* nas estruturas dos grupos.

↳ Sendo assim, a música *punk-rock* e o movimento *punk* são feitos exclusivamente por *punks*, assumindo uma identidade própria de caráter político e social, criando um estilo de vida, ou seja, o indivíduo se reconhece como *punk*, sendo que o mais importante é o fato dele criar uma linguagem, maneira de vestir, música e comportamento próprios. Este é o momento da formação de um estilo de vida no qual as bandas desempenham um importante papel pois é a música *punk* que dissemina primeiramente as novas idéias e atitudes. Os *shows* são os locais dos primeiros contatos e têm papel fundamental na formação e socialização da identidade. Os *punks* criam uma nova relação entre público e músicos: tentando destruir a diferença entre eles, o público não faz dos músicos ídolos e nem aceitam o estrelismo deles; por sua vez, a banda toca mas também xinga e cospe no público, provocando-o e em contrapartida o público dança e devolve os insultos. Assim, a igualdade não se estabelece pelas funções de cada elemento, mas sim pelo comportamento e interação desses.

↳ Isso é uma forma de acabar com a passividade e o conformismo, não só em relação a *shows* e bandas mas principalmente fora, nas ruas. Nessa fase, o individualismo é marcante e é incentivado, refletindo no movimento a sua não organização.

Uma das características do estilo é a violência, pois esta permeia todo o universo simbólico dos punks, sendo que ela é dirigida (o que indica não ser violência pela violência): o movimento assume um caráter revolucionário porque contesta todos os valores burgueses e os regimes socialistas existentes, ou melhor, todos os sistemas que implicam em dominação. Contestam a burguesia porque vêem nela os exploradores e a corrupção, envolvidos em roupas caras e "bonitas", ou seja, os protagonistas da crise. Nos regimes de esquerda vão contra a prática, que consideram também autoritária e dominadora, mas no socialismo aceitam a idéia de revolução, com ideais diferentes. Também dirigem sua violência contra as pessoas que se apropriam dos valores punks quando não o são, isso porque julgam que a apropriação leva ao modismo e ao comércio, e que implica na deterioração e na generalização do estereótipo punk. Essa violência desembaraça o indivíduo de seu complexo de inferioridade, desintoxica e segundo Johnny Rotten (membro do Sex Pistols), ela destrói o medo que as pessoas tem uma das outras(13).

Os punks consideram a violência no movimento como uma forma de encaminhá-lo, viabilizá-lo, demonstrar o descontentamento e exprimir a realidade violenta em que o jovem da classe popular está inserido, pois, segundo os punks, o que existe é somente ódio e violência que gera a violência; o que os punks fazem é devolver a violência de que são vítimas.

Inicialmente a maioria das bandas incentivavam a violência como meio de romper com qualquer tipo de dominação. Os jovens a absorveram como sendo uma característica fundamental do punk, dando vários sentidos a ela e manifestando-a de várias formas. A partir daí o uso da violência se tornou um valor da identidade, uma representação do estilo.

A guerra de gangs é uma das formas de manifestação utiliza

(13) Barroso, Júlio, op.cit ., 1978.

da pelo *punk*, onde a violência passa a ser encarada como prática comum, sendo também um mecanismo de reafirmação da identidade *punk*. Dentro da *gang*, os indivíduos criam caracteres restritos à *gang*, personalizando-a (com nomes, símbolos e linguagem próprios) e isto provoca os confrontos entre as *gangs*, motivados também pelas atitudes e concepções diversas. Os conflitos que antes se davam entre os indivíduos passam agora a se manifestar entre *gangs*.

Muitos *punks* acham que essa prática não tem sentido uma vez que eles tem como objetivo a união das *gangs*, para um maior fortalecimento do movimento e preferem dirigir a violência contra o que eles consideram seu verdadeiro inimigo: o sistema. Essa última visão foi ganhando força porque os *punks* passaram a considerar que tinha mais coerência concentrar seu protesto contra a ordem estabelecida e também a quem se opusesse ou reprimisse o movimento.

2. *Punk's not dead*

De 78 para 79 o *punk*, nos meios de comunicação, foi obscurecido pela *new wave*. Ao contrário do *punk*, a *new wave* tem sua preocupação maior voltada para a arte. Elaboram um som utilizando diversos recursos e estilos musicais, refletindo também no visual que objetiva o belo, dando valor à estética.

Quando surgiu o *punk*, os meios de comunicação o rotularam como *new wave*, uma nova onda(14), mas os *punks* descartaram esse rótulo pois diziam: "a revolução é cíclica e não uma nova onda".

Como no visual, a *new wave* também se ramificou em diversas tendências musicais(15), desde o *rock'n'roll* mais simples até um som mais elaborado, experimental.

(14) Barroso, Júlio, op. cit., 1978.

(15) Barroso, Júlio, op. cit., 1981.

Os meios de comunicação se apropriaram da *new wave* (16) para transformá-la em moda, o que provocou uma certa deterioração na sua originalidade, e assim eles declararam que o *punk* estava morto (17). Mas na verdade isto não aconteceu, mesmo com a dissolução do Sex Pistols, o Clash desenvolvendo um som mais experimental e outros grupos menores se deslocando para a *new wave*, muitas bandas continuaram fazendo *punk-rock*.

À primeira vista, esta fase parece obscura para designar o que seria o *punk-rock*, pelo fato de várias bandas terem estilos bem diversos e por parecerem relegados aos subúrbios, às margens dos meios de comunicação, sendo que ela marcou uma transição para a nova postura *punk*.

Começam a surgir novas bandas com novas idéias, o niilismo (a idéia do sem futuro e o apelo à destruição violenta) vai dando lugar a uma postura anarquista "pacifista". A diversão e o prazer são algumas das características, sendo que também os problemas sociais que oprimem os jovens são bastante enfocados.

Essas bandas afirmam uma idéia comum: o *punk* não morreu. Daí surgem duas posturas diferentes que ora se interrelacionam: o "Oi" e o "new punk" (18).

O *Oi* como um movimento organizado, um grito de revolta dos jovens da classe trabalhadora, agregando *punks*, *skinheads*, e outros jovens desempregados.

Os *skinheads* (19), uma subcultura jovem da classe popular, surgida nos anos 60, também fazem uso da violência como forma

(16) Lacerda, Marco Antonio, op.cit., 1981

(17) Fricke, David, "Dress Right!", Rolling Stone, 23 de junho de 1981, pp.14-19, Nova Iorque.

(18) Clerk, Carol, "Dreaming of a Punk Christmas", Melody Maker, 2 de janeiro de 1981, p.28, Londres.

(19) Hebdige, Dick, Subculture: the meaning of style, Editora Methuen, 1980, Londres.

de manifestar sua revolta contra o caos social e como resistência de se integrar ao projeto dominante, o que de certa forma ajudou a aproximação com os *punks* e a consolidação do *Oi*.

Oi Este último movimento faz ressurgir toda vitalidade dos movimentos populares de jovens, que retomam o clima de revolta nas ruas, não mais em *gangs* mas em grandes grupos que se juntam espontaneamente. Essas revoltas são um manifesto dos jovens da classe popular contra o governo da Inglaterra, contra a repressão policial, contra o caos social, num apelo bastante anárquico. Por outro lado, eles querem diversão e uma vida decente e por isso são contra guerras. Dessa união surgiu uma nova identidade: o "*skunk*", mescla de valores *skins* e *punks*.

Nas revoltas de 1981(20), em algumas regiões da Inglaterra, vê-se a participação dos jovens integrantes do *Oi*(21) que, descontentes com a situação social, saíram às ruas e desencadearam os "*riots*". Além de várias depredações eles entraram em choque com a polícia; nesses motins encontravam-se também os negros e os asiáticos(22). Estes últimos sempre entram em conflito com os *skins*, pois detêm o pequeno comércio nos subúrbios ingleses e não proporcionam empregos, além de terem montado uma polícia própria para evitar os saques desses jovens às suas lojas. A subcultura *skin*(23) tem uma forte noção de território e julga que os asiáticos estão ocupando a sua região, outro motivo para se revoltarem, além das diferenças culturais, o que levou-os a serem acusados de racistas.

(20) Mohs, Mayo, "Anger in the streets", Time, nº 29, pp.8-13, julho de 1981, Nova Iorque.

(21) Bahiana, Ana Maria, "O rock é de direita?", Isto É, p. 58, 9 de setembro de 1981.

(22) Abramo, Cláudio, "O veneno dos guetos ingleses", Folha de São Paulo, 26 de julho de 1981.

(23) Hebdige, Dick, op.cit., 1980.

Os principais grupos musicais desse movimento são: Four Skins e Exploited. As letras expressam todo o conteúdo contestatório acima descrito, cantadas por um vocal que exprime raiva, ódio e provocação, o ritmo mais acelerado, sendo que a música passa por uma radicalização; tudo isso passa a ser a nova característica da música *punk-rock* dentro do *Oi*.

Por outro lado, o *new punk*, definindo-se como anarquista, não tem a preocupação de "estruturar" um movimento (24). Embora posicionando-se como apolítico e individualista nas atitudes e idéias, é generalizado o seu caráter anti-guerra e por isso contra o alistamento militar e a corrida armamentista, fatos que levaram *punks* a apoiarem o movimento pacifista.

Não há mais o incentivo à violência, mas ao mesmo tempo ela não é descartada, é transferida simbolicamente para as roupas, dando lugar à diversão e ao lazer.

Outra característica é uma maior elaboração do visual, utilizando ao máximo os símbolos *punks*, reincorporando outros. Assim sendo, o *new punk* não é criação de uma nova identidade e sim uma readaptação da postura *punk*, e por isso não se vê como o novo *punk*. Esta postura também se reflete na música, onde algumas bandas procuram novas fórmulas musicais e técnicas de gravação.

A utilização de uma linguagem mais teorizada para dar razão e legitimar as idéias e atitudes do *Oi* e do *new punk* abriu um caminho para um processo de absorção e massificação dos estereótipos dos *skins* e dos *punks*.

Por não aceitarem a violência e conviver pacificamente com os meios de comunicação e por não terem propostas que rompam e inovam e sim recriações do *punk* com algumas adaptações, a postu

(24) Barber, Lynden, "Vice Squad Report", Melody Maker, 15 de maio de 1982, p.8, Londres.

ra *new punk* foi facilmente absorvida pela *mass-média*(25), que conseguiu delimitar e definir os valores *punks*, tornando-os mercadoria para impulsionar a moda *punk*, o que deteriorou sua postura original.

Já com os *skins*, o processo de massificação do estereótipo foi mais lento, pois sendo uma subcultura com uma identidade bem definida e própria de grupo, além de se utilizar da violência como forma de manifestação, ofereceu resistência à absorção. O processo se desencadeou com o movimento *Oi*, onde os *skins* uniram-se com os *punks* e tiveram acesso aos meios de comunicação.

(25) Stevens, C.J., "The Imponent New Punk", Melody Maker, p.32, 20 de março de 1982, Londres.

Parte II

O ESTILO *PUNK* NA REGIÃO METROPOLITANA DE SÃO PAULO

Introdução

Quase que totalmente os jovens *punks* são de origem de classe popular; muitos trabalham, outros estudam em colégios ou em ginásios e outros muitos não trabalham e nem estudam.

O número de garotas é bem inferior; isto é principalmente motivado pela socialização diferenciada dos rapazes e das garotas dentro da sociedade, com suas instituições — família, igreja, escola, etc. — que reforçam a definição dos papéis sexuais do homem e da mulher, incentivando num a atividade e noutro a passividade submissa.

Os principais valores atribuídos ao *rock* e ao *punk rock* são a rebeldia, a selvageria, o submundo, as drogas, os quais descartam a participação da mulher, sendo que as que fazem parte deste meio são vistas como prostitutas ou masculinizadas.

Nas regiões metropolitanas de São Paulo, existem várias *gangs punks*, variando de poucos até dezenas de integrantes, com postas por jovens de idade mais frequente entre 15 e 19 anos, tendo em menor número abaixo e acima desta faixa.

Muitas *gangs* se formam com elementos do próprio bairro ou de cidade e distrito de subúrbio próximo; já outras variam muito, tendo elementos de vários pontos da região metropolitana. Há também um grande número de *punks* que preferem não fazer parte de *gangs* mas que acompanham *gangs* e outros *punks* na mesma situação. Estes não são mais nem menos *punks* que os das *gangs*, por não terem a sua.

Capítulo 3 - Das limitações à criação de um estilo próprio

1. A criação do estilo *punk*

Em meados de 77, pelos jornais e revistas, chegaram as descrições do fenômeno *punk*, os quais visavam a criação de um mercado que absorvesse a música e o visual, tentando fazer do *punk* uma nova moda a ser consumida em larga escala e ao mesmo tempo negando a autenticidade de um estilo de vida próprio de um grupo. Esta tentativa logo foi abandonada pois em 78, com a dissolução do Sex Pistols e a criação da identidade *punk* na Inglaterra, assumindo uma postura radical de rompimento com o sistema, a imprensa inglesa noticia a morte do *punk*, uma vez que não lhe interessava divulgá-lo como estilo de vida de jovens e sim como moda; assim sendo ela aproveita do surto da *new wave* para investir.

Isto se reflete no Brasil pelo simples abandono por parte da imprensa em divulgar o *punk* e assim a penetração da música *punk* na *mass-media* foi praticamente nula, quando não deturpada. As edições em discos e fitas eram raras, as importações pouco frequentes e caras e as revistas especializadas em música praticamente nada reportavam sobre o *punk-rock*.

O que permitiu a identificação ideológica dos jovens de classe popular com o movimento? A violência, o desemprego, a pobreza, a falta de locais de diversão próprios e de uma música própria para jovens rebeldes e pobres, que também estavam insatisfeitos com a complexidade reinante do *rock*.

Não foi simplesmente moda esta identificação pelo grau de informações, organização, autenticidade e estrutura dos grupos *punks* da região metropolitana de São Paulo, que extrapolaram as poucas informações, muitas vezes distorcidas pelos meios de comunicação, conservando a essência do *punk*.

As informações captadas foram motivo de discussão entre os indivíduos interessados no que estava acontecendo e assim criavam o próprio estilo, de acordo com sua interpretação.

O punk surge como uma ruptura, um espaço onde há incentivo para a individualidade. Esta pode se caracterizar pela aceitação, dentro do grupo, de pontos de vista diversificados, como também reinterpretação dos símbolos e comportamentos diferenciados, mas sempre de estilo *punk*, com idéias e atitudes individualistas, in conformistas, contra a organização e o pré-estabelecido; o *punk*, sem se prender a nenhuma linha de conduta determinada, assume várias formas de contestação como a ultra-violência, a agressão visual, a pornografia, as revoltas e tudo que tenha força para agredir de forma violenta o "sistema", não implicando em organização, mas sim em espontaneidade e originalidade, e são as atitudes baseadas nestas formas que servem de elo de ligação entre os indivíduos.

Desligando-se das fórmulas desgastadas do *rock*, da ordem e da moral estabelecida, o *punk* incentiva a criação de um estilo novo tendo predominantemente um caráter individualista e ativo.

O estilo assume formas populares e não poderia ser de outro modo pois seu universo cultural pertence à classe popular, daí a criação de valores simbólicos, linguagem e comportamentos com este caráter, utilizando-os também como meio de repudiar o seu oposto, os valores burgueses, uma vez que estes são os inimigos da agitação punk e estão impregnados de moralismo, coisa que o *punk* quer destruir. A sua forma é popular enquanto que o seu conteúdo é original e moderno, o que permite liberdade de participação e criatividade, além de criar uma alternativa de espaço e concretização de um projeto de estilo de vida, onde se encontraria ao mesmo tempo participação e lazer.

Aos poucos os grupos e as *gangs punks* foram se formando, compostos de amigos ou conhecidos que se identificavam com o *punk*.

A música *punk-rock* foi o principal elo de união dos indivíduos que nela encontravam muito da ação e da contestação de que sentiam falta; mais importante ainda foi a paixão dos indivíduos que se ligaram ao *punk-rock*, pois foi ele que permitiu a criação do estilo, o sentimento de união, solidariedade, confiança, respeito e a identificação e aceitação dos indivíduos nos grupos *punks*.

O uso de certos símbolos (jaqueta preta com botões, calça rasgada e curta, camisetas com nomes dos grupos musicais, etc.) fez com que os grupos e os indivíduos se reconhecessem buscando troca de informações devido à escassez delas no Brasil, e convivência.

O visual foi basicamente uma recriação dos símbolos *punks* ingleses, o que indicou uma identificação dos jovens *punks* brasileiros com os valores e concepções da postura na Inglaterra. Não se limitando somente a esses, também criaram outros, próprios de *gangs* e indivíduos.

2. A formação de *gangs* e guerra de *gangs*

Em várias regiões da cidade de São Paulo, subúrbios e região do ABC, formaram-se os grupos que se encontravam, na maioria das vezes, nos finais de semana, para "agitar" nas ruas ou em salões onde ainda se tocava *rock* pesado e onde eles levavam as informações da nova música. Nesses salões já se iniciavam os atritos dos *punks* com os roqueiros.

Os salões eram uma opção de lazer, ficavam nas periferias ou em regiões bastante pobres, suas construções eram precárias, não havia praticamente nada dentro delas e o preço de entrada era barato uma vez que seu público era basicamente de jovens da classe popular, que curtiam o já refugo do *rock* pesado. O público *punk* não dispensava esses locais mesmo tendo que exigir a sua mú

sica, o que era mais um motivo para as brigas com os roqueiros.)

↳ Geralmente os indivíduos ou saíam em grupos dos subúrbios e periferias ou ao se encontrarem ficavam em grupos; isso serviu de base para a formação das *gangs*, que eram um mecanismo de força tanto para ataque como defesa, tendo também o sentimento de solidariedade entre os indivíduos. A *gang* funcionava como um meio de organização do movimento, de criação e preservação da identidade.

Uma das formas que as *gangs* assumiam para se afirmar era a criação de algumas características próprias, símbolos, linguagem etc., que além de diferenciá-las, serviam para contrapor às idéias do que seria *punk*, um modo de negar as idéias estabelecidas, um niilismo que incentiva por um lado as criações e originalidade, mas por outro a rivalidade entre grupos.

A guerra de *gangs* funcionava como forma de manter a integridade da postura, de provar a identidade e de auto-afirmação, não permitindo o estabelecimento de idéias dominantes, pois dentro da postura dois valores eram tidos como essenciais: a violência e a agitação, a primeira como exteriorização do inconformismo e da não-passividade e assumindo atitudes provocativas, procurando "testar" se o indivíduo era *punk* ou não, e a segunda, que utilizava a guerra de *gangs* como forma de diversão e lazer. Outro motivo que provocava atritos era o fato de uma *gang* procurar mostrar que era "mais fodida" que outra e portanto "mais *punk*" (essa postura também era verificada entre os indivíduos).

↳ Essas atitudes funcionavam como forma dos indivíduos se imporem como realmente *punks* e serem respeitados.

A noção de território também levou-os à guerra de *gangs* pois a *gang* dentro de seu território tinha poder e podia ser motivo de atrito quando outra penetrava nela.

O poder, nesta estrutura, estava dividido em *gangs*, grupos espontâneos e indivíduos, o que não permitiu o controle e cria-

ção do estilo por algumas pessoas ou algumas *gangs* e foi essa estrutura que evitou, de certa forma, a absorção e supressão pelos mecanismos sociais (principalmente meios de comunicação e repres são que tentam um, diluir e transformar em moda e outro, aniquilar).

Se por um lado a integridade do indivíduo fazia com que o estilo *punk* se mantivesse coeso com suas propostas e ideais, por outro o caráter universalista dessas propostas fazia com que outros jovens, principalmente de classe popular, se identificassem com os valores punks.

Capítulo 4 - A guerra de posturas

1. Introdução

Na cidade de São Paulo a preocupação em formar *gangs* foi diminuindo ao passo que foi aumentando o número de indivíduos que não faziam parte de *gangs*; os indivíduos e as próprias *gangs* foram tendo um maior contato entre si através dos salões de *rock* (que certos dias também tocavam *punk rock*), da estação de metrô São Bento, da loja de discos "*Punk Rock*" e dos primeiros *shows*. A idéia de união entre todos os *punks* começou a ganhar força a partir das realizações de *shows* com as bandas *punks* que já expressavam essas idéias que, por um lado estava vinculada ao processo de revitalização do *punk* com sua nova postura ("*Punk's not dead*", ou seja, desmentir a idéia que a mídia proclamava) e por outro, a formação de um público *punk* ligado a essa postura como meio de realizar e dar mais força ao "movimento".

A formação de várias bandas *punks* e realizações de *shows* provocaram uma modificação na estrutura de relações entre *gangs* e grupos.

No princípio haviam somente salões onde tocavam som de fita, nos quais se reuniam diversas *gangs* com características diferenciadas, tendo símbolos próprios para se identificarem e autoafirmarem, o que criava um clima de rivalidade e guerra de *gangs*.

A guerra de *gangs* se torna incompatível com os *shows*, pois são as bandas que aparecem como porta-vozes destas novas idéias: que o *punk* não estava morto, que ele era muito forte e que era necessária a união dos *punks* para fortalecer o "movimento", o qual tinha propostas anarquistas, contra guerra, opressão, etc. E esta posição foi se consolidando entre os *punks*, principalmente entre os novos, que já se deparam com esta estrutura, onde

a preocupação não era formar *gangs* e sim bandas, e assim o número de bandas aumentou consideravelmente e o evento maior passou a ser o *show*, para a maioria dos *punks* em São Paulo.

Parte do objetivo da união para o fortalecimento do movimento foi conquistado, ou seja, devido aos *shows* e aos atritos de algumas *gangs* e indivíduos com *gangs punks* do ABC e Zona Leste, a maioria das *gangs*, grupos e indivíduos da cidade de São Paulo se uniu formando-se assim o "pessoal da *city*", sendo a cidade de São Paulo seu território.

Deixando de lado os motivos aparentes do conflito entre a região do ABC e Zona Leste com o "pessoal da *city*", consideramos como sua essência as diferentes posturas de ambos. Sendo assim, desenvolveremos a partir de agora a análise destas diferentes posturas separadamente, com o objetivo de elucidar, em cada uma delas, o seu estilo, a sua organização e suas propostas, demonstrando a fragilidade das relações amistosas com o intuito de união entre elas.

2. Ou anarquia ou organização

A primeira fase do *punk* na região metropolitana de São Paulo, como já foi dito, se caracterizava principalmente pela sua diversidade: não havia uma estrutura organizada (hoje também não há, o que existe é uma tentativa) e sim relações de *gangs*, grupos e indivíduos que compartilhavam idéias, atitudes, etc., e relações de conflito, por um lado pela forte presença do niilismo que em sua essência negava e destruía violentamente valores e verdades e por outro, pelas diferentes concepções do que seria *punk* (linguagem caótica, somando rebeldia, anarquismo e niilismo, bem no estilo *punk*). Prevaleciam as idéias de que o *punk* era o sujo, podre, violento, anti-burguês, anti-hippie, anti-moda, e o visual era o escrachado; a violência era marcante, eram os niilistas, ou melhor, os "sem futuro", assumindo esta postura sem definir exatamente uma ideologia que o explicasse e daí

coexistirem diferentes atitudes e idéias, onde a identidade estava muito ligada ao visual e às atitudes que rompem com os padrões estabelecidos.

→ Esta fase não consideramos como movimento e sim construção da identidade.

A idéia de formar movimento, ou, pelo menos, assumir este caráter vai se desenvolvendo em detrimento da primeira postura, baseando-se na idéia de anarquia e adquirindo uma linguagem definida, coerente, que pudesse explicar sua postura frente ao sistema, ou melhor, dando razões explícitas para sua rebeldia e objetivando seu inimigo: o sistema. Esta postura vai se consolidando e torna-se dominante em São Paulo.

Foram as idéias compartilhadas — principalmente o desejo de união e o anarquismo — a base que possibilitou a transformação daquelas relações numa tentativa de organização e definição do punk.

Podemos caracterizar como sendo a segunda fase do punk em São Paulo a nova postura incorporada a partir da revitalização do punk na Inglaterra (o New Punk e o Oi).

Pelo acesso que tiveram aos jornais, revistas, discos de bandas novas e correspondências com punks do exterior, alguns grupos tomaram conhecimento do que vinha ocorrendo.

⌈ O processo de divulgação e absorção dessas idéias em São Paulo foi lento devido à dificuldade de socialização das idéias por dois motivos: o primeiro foi a resistência, principalmente por parte de punks mais apegados à postura anterior e o segundo, a difícil comunicação entre eles pois as trocas de informações se dão de forma esfacelada, visto que dificilmente se tinha a visão global do que ocorria na Inglaterra, apenas chegando fatos isolados que levariam algum tempo para serem agrupados, revelando sua lógica.

Como já dissemos, os *shows* tiveram grande importância na socialização desta postura, visto que as bandas a assumiam e já detinham grande prestígio pois neste momento fazer parte de uma banda significava mais que ter uma *gang*, além de poder transmitir suas idéias a um maior número de pessoas.

As principais idéias que alguns grupos e bandas disseminavam eram: o *punk* não estava morto; o movimento tinha caráter anarquista, e esta anarquia não era sinônimo de bagunça e sim uma atitude política que visaria uma participação através do movimento, e para isso era necessária a união de todos os *punks* para fortalecer o movimento e conscientizar que o *punk* é violento mas só no visual e nas músicas(26). Assim, começam a desenvolver uma linguagem pretensamente teórica e objetiva, procurando legitimar suas atitudes frente à sociedade, tornando-a mais acessível. O visual também sofre algumas mudanças devido à sua maior estilização, abandonando o que antes era mais predominante: o escrachado, o sujo, o nojentoso e praticamente trocando o símbolo suástica pelo A da anarquia.

Essa solicitação, além de provocar uma certa homogeneização nas atitudes e idéias, diluiu várias *gangs* em praticamente um grupo só — o "pessoal da *city*" — e não incentiva a criação de novas.

Fazer parte do "pessoal da *city*" não significa necessariamente que resida na cidade de São Paulo; há poucos elementos do subúrbio que se identificam com tais idéias e preferem participar junto destes, já outros tem relações não somente com o "pessoal da *city*" mas também com os da região do ABC e Zona Leste. Mas mesmo dentro de São Paulo existem *punks* que não assumem esta postura e sim, permanecem fiéis à postura original, achando que as bandas *punks* só são *punks* no palco pois não tem a mesma prática nas ruas, e a maioria dos *punks*, "embalos", ou melhor, *punks* que não tem opinião própria, ou que apenas tem visual.

(26) Fanzines *punks*: Factor Zero, nºs 0 e 2; SP Punk, nº zero e 1; Vix Punk, nº 10, MD, nº 2; Punk Desordem do Sistema, nº 1.

Devido à união do "pessoal da city", os atritos que houve entre os *punks* do ABC e de São Paulo foram encarados como uma briga que dizia respeito a todos os *punks*, adquirindo caráter de guerra, enquanto que esses atritos, principalmente por parte dos *punks* do ABC, tinham objetivo de atingir apenas alguns indivíduos ou *gangs*, pois já existiam velhas rixas entre *punks* de ambas as partes.

Com a união do pessoal de São Paulo, as idéias de alguns elementos que detinham certo prestígio, por fazerem parte de bandas ou escreverem *fanzines*, sobressairam às demais e passaram através dos meios de comunicação como sendo expressão única do movimento(27). Tendo como principal objetivo mostrar que o *punk* era um movimento anarquista da classe popular, contra o sistema, o poder, a miséria, etc., através de uma linguagem clara, condenando a violência, o vandalismo, as drogas e as guerras, se utilizaram dos meios de comunicação e através deles tentaram "limpar a imagem"(28) que a opinião pública e a própria imprensa faziam dos *punks*, como sendo bagunceiros, marginais, toxicômanos, isso devido, segundo eles, a alguns *punks* que encaravam o movimento de outra forma.

A opinião da imprensa nacional sobre os *punks* oscila entre a crítica e a defesa. Nas primeiras reportagens sobre este tema ela explora o lado violento e agressivo, enfocando os furtos e brigas dos *punks*, além de questionar sua rebeldia contra o sistema, nestas atitudes(29). Estes enfoques são originários principalmente pelo fato de ser ainda superficial o contato da imprensa com os *punks*, ou seja, são conclusões tiradas a partir da análise de poucos elementos.

(27) "Tropa de Choque", Revista Veja, 4 de agosto de 1982, São Paulo.

(28) "Tropa de Choque", op.cit., 1982.

(29) Emediato, Luís Fernando, "Do pacifismo hippie à violência punk", 5 de maio de 1982, p.9, Correio Popular, Campinas.

Devido a realização de *shows* maiores, vídeo-cassetes sobre o tema, aumento do número de *punks*, o ressurgimento do *punk* na Inglaterra, a maior acessibilidade por parte de alguns *punks* interessados em divulgar o movimento em jornais e revistas, a imprensa se interessa em ter um contato maior com os *punks* de São Paulo, ou melhor, focaliza um pequeno grupo que frequenta os principais pontos de encontro do "pessoal da *city*", preocupado em "limpar a imagem" e que fala em nome do movimento, procurando não conceder espaço para a colocação de idéias divergentes, tais como não apoio aos partidos políticos, ou melhor, ódio à política, a não participação nos meios de comunicação, nem revelando a existência de *punks* ligados à postura niilista, que se utilizam da violência por acharem que não existe futuro para eles.

Já nestas reportagens a imprensa se mostra mais favorável às posições políticas que teria o movimento *punk*, manifestando indignação ao presenciar o tratamento que os policiais costumam dar aos *punks* (30) e analisá-los com um certo romantismo, dando-lhes um ar de pureza e ingenuidade(31).

Quando a imprensa estabeleceu contato com o movimento *punk*, este se encontrava numa fase de definição e delimitação da identidade e de preocupação em construir um movimento que fosse "conseqüente" em seus objetivos, já distante do momento em que se deu a ruptura. Sendo assim, os meios de comunicação se deparam com outra estrutura de relações: o pessoal da cidade de São Paulo num processo de união, reelaborando seus símbolos e valores onde, além de utilizar uma linguagem pretensamente teórica, desejavam o acesso aos meios de comunicação, o que significou a rápida aceitação e absorção por parte dos mesmos.

(30) "Festa dos punks termina com prisões", Folha de São Paulo, 29 de novembro de 1982.

(31) Escobar, Pepe, "Os punks deixam seus guetos", Folha de São Paulo, 27 de novembro de 1982.

Em resumo, a absorção do *punk* pela imprensa foi facilitada pelo processo de união e construção do movimento que vinha sofrendo o *punk* em São Paulo pois, abandonando o seu lado violento e radical, assumiu posições políticas definidas e explícitas com aparências de um movimento organizado e foi esse caráter que atraiu os meios de comunicação; outro motivo que atraiu a imprensa foi o fato dela considerar original as realizações de *shows* e discos, por serem independentes, e o visual. Incentivando esses aspectos políticos e culturais, os meios de comunicação aparecem como "apoio" ao movimento, além de mostrar simpatia pelo seu posicionamento contra o sistema.

↳ O espaço que a mídia ofereceu deu força ao aspecto que o *punk* repudiava, a moda, fazendo com que se desse a massificação dos valores *punks*. Se antes a socialização dos valores se dava através dos grupos *punks* em seu meio, agora esses também são assimilados artificialmente, fora de seu contexto original, deturpando seu real sentido.

↳ Enfim, o objetivo da organização e consolidação do movimento *punk* por um lado não permitia a diversidade de idéias e atitudes e por outro teve que definir e delimitar a identidade *punk* para que houvesse união, pois só havendo consenso que se poderia efetivar esse objetivo. Este processo se desencadeou principalmente pelo fato do *punk* sempre estar ligado à idéia de anarquia mas com vários sentidos; a preocupação política por parte de alguns *punks*, em relação ao movimento, fez com que a anarquia assumisse um sentido "mais sério", devido a leituras sobre o assunto.

↳ A conceitualização do anarquismo, por parte do *punk*, como sendo posição política consciente diante do sistema, além de levá-los a uma rigidez na definição da identidade *punk*, descartou e podou muito da criatividade e espontaneidade dos *punks*, isso porque ficaram presos às definições e padrões de anarquismo, o que não acontecia anteriormente, quando não havia preocupação

em fundamentar uma postura teórica.

Esse processo pelo qual passou o movimento, como já foi dito, não exprime o pensamento de todos os *punks*, pelo contrário, muitos de São Paulo discordam desses ideais. São *punks* apegados à postura original, que atacam o grupo dominante de São Paulo, discordando da idéia de união, preferindo o individualismo como posição, divergindo da idéia de violência só no visual pois tem uma maior tendência niilista por acharem que não existe nenhuma perspectiva de futuro e daí também não ter sentido construir um movimento com objetivo de melhorar a sociedade e sim destruí-la.

3. Agitação *punk*: ABC e Zona Leste

Em meados da década de 70 surgiram vários salões de *rock* nos subúrbios de São Paulo e no ABC; estes salões tinham somente um espaço para dançar ao som de fitas, às vezes um bar, e viavam o público jovem de classe popular que "curtia" *rock*, ou seja, os que gostavam de bandas tanto dos anos 60 (Stones, The Who) como dos anos 70 (Led Zeppelin, Black Sabbath, Deep Purple, Pink Floyd, etc.). O preço dos ingressos era barato, o que permitia constante freqüência dos jovens. Eram os locais de lazer para os finais de semana.

Dentro desses salões encontrava-se um público bastante diversificado com relação à música e ao estilo de vida: os "malucos", que tinham ligação com a filosofia *hippie*; os que mais tarde construíram a identidade de roqueiro, que tinham um estilo mais relacionado com o *rock* pesado, e pessoas que, apesar de não fazerem parte desses grupos, freqüentavam como forma de lazer.

Estes salões desempenharam um papel muito importante para esses primeiros roqueiros pois eram praticamente a única opção de espaço, mesmo porque os *shows* de bandas de *rock* nacionais, além de caros e poucos freqüentes, eram realizados em locais dis

tantes, geralmente em ginásios de esportes de São Paulo. Assim, foi nos subúrbios que os salões de música desempenharam uma função maior de lazer e cristalização de estilos.

Os grupos de roqueiros já tinham uma estrutura organizada e relações entre eles e os novos roqueiros já se deparavam com ela, o que significava que tanto as relações como a estrutura deviam absorvê-los, não implicando na alteração das mesmas, e foram justamente esses novos que sentiram com maior facilidade as contradições pelas quais vinha passando o *rock*, coisa que o *punk* já mostrava.

Como esses jovens não estavam inteiramente socializados nos grupos de roqueiros e viviam entre a pobreza e a violência, se identificaram com as propostas da nova música: o *punk rock* berava, literalmente, contra a estagnação do *rock* e as misérias sociais. O *punk*, além de manifestar objetiva e claramente o sentimento desses jovens também era uma forma alternativa e atual.

É com o *punk* que a identidade roqueira se define, pois anteriormente o roqueiro se confundia com o "maluco" devido à sua grande simpatia pelos *hippies*. São os *punks* com a forte relação entre a postura e identidade que vão pressionar e incentivar a consolidação da postura e da identidade roqueira; quanto ao visual basicamente a calça *jeans*, tênis velho, camisetas pintadas com nomes de bandas, cabelos compridos; quanto à postura não se utilizam de violência, são indiferentes a temas político-sociais, preferindo "curtir" o som para, segundo eles, "sonhar e viajar".

A postura *punk*, tendo um forte aspecto violento e de provocação, pois em sua essência está a agitação e porque vê o *rock* como ultrapassado e decadente, entra em conflito com a postura do roqueiro, que é passiva.

Nos salões os atritos têm início não só devido às diferenças de comportamento mas também, para os *punks*, como diversão e lazer. Um outro motivo dos atritos, talvez o mais importante, é

a disputa por territórios: os *punks*, embora sendo em menor número, conseguem se impor, conquistando respeito e espaço nos salões, para sua música. Assim, a identidade *punk* se cristaliza, já estabelecendo relações entre si e para fora, tornando-se um mecanismo de expansão do número de *punks*, pois este aumento não se dá simplesmente pela ligação com a música ou por moda e sim pelo estilo de vida que o *punk* propõe e por sua organização.

3.1 As *gangs*

Na região do ABC e Zona Leste de São Paulo, várias *gangs* foram se formando, cada uma com suas particularidades.

No subúrbio, as *gangs* assumem um importante significado devido a guerra de *gangs* pois era importante pertencer ou ter afinidade com uma delas uma vez que o número de *punks* era pequeno e os indivíduos moravam distantes uns dos outros.

Dentro do subúrbio, a identificação entre os indivíduos e as *gangs* era maior do que em São Paulo pelo fato de pertencerem ao mesmo território, porque várias vezes se deslocavam juntos até a cidade de São Paulo, tinham um estilo de vida semelhante e enfrentavam as mesmas situações (desemprego, grande repressão policial, atritos com grupos de roqueiros e "bandidinhos", sendo que estes últimos viam o *punk* com deboche). Esta identificação fez criar uma solidariedade entre essas *gangs*, o que vai dar maior sentido à noção de território.

As *gangs* do ABC tinham poucas relações com as *gangs* de São Paulo, geralmente relações hostis devido à existência de guerra de *gangs*, o que vai culminar, mais tarde, na guerra entre São Paulo e ABC, pois na cidade de São Paulo, com o processo de união, os *punks* não vêem mais os atritos como guerra de *gangs* e sim como guerra de regiões.

Dentro do ABC e do subúrbio, as *gangs* tinham um certo contato entre si, como até hoje, mas raras vezes se uniam. Quando

isso acontecia era para servir de apoio numa rixa de *gangs*, mas as alianças duraram pouco tempo, servindo apenas a um objetivo determinado; conseguido o mesmo, cada *gang* retornava ao seu território.

Ambos, o subúrbio e o ABC, tinham seus pontos de encontro, ou melhor, cada *gang* tinha um local onde se encontravam para "anarquizar" nos salões e nas ruas ou para ir para a cidade de São Paulo. Frequentemente, uma *gang* entrava no território de outra para incentivar o clima de agitação, ou seja, incentivar uma atitude que fazia parte da postura *punk* na época: a guerra de *gangs* e as "tretas" e provocações como uma forma também de diversão, além de funcionar como uma maneira de conquistar respeito e destruição da passividade.

Desde o surgimento do *punk* na região metropolitana de São Paulo até por volta do ano de 1981, a estrutura de relações, tanto do ABC, da Zona Leste e da cidade de São Paulo era a mesma, baseada principalmente na formação de *gangs*, guerra de *gangs* e agitação nos salões. A noção de território nessa fase era determinada pelo ponto de encontro da *gang* ou por bairros e distritos. Assim, uma *gang* do ABC tinha como referência de seu território a localidade de encontro dos elementos do grupo e não a região do ABC como um todo, o mesmo ocorrendo com as *gangs* em São Paulo e nos subúrbios. A idéia de movimento concebida pelos *punks* do ABC e subúrbio, também se aproximava da idéia de movimento em São Paulo: movimento era entendido não como forma política organizada que tinha propostas reivindicatórias para a sociedade e sim como forma de impor o estilo de vida e de agitação.

Quanto à postura, não podemos generalizá-la como se existissem duas, porque dentro da *gang* havia o incentivo para personificá-la criando um estilo próprio; só mais tarde, com o processo de união em São Paulo e em consequência a homogeneização

nas idéias e atitudes, que se pode caracterizar a existência de duas posturas: a de São Paulo, se aproximando do "new punk" e a do ABC e Zona Leste, permanecendo ligada à original.

3.2 A guerra

A partir de 1981 se tem os primeiros encontros de bandas. No início haviam poucas bandas sendo que a organização dos *shows* foi iniciativa dessas mesmas. Na elaboração dos folhetos de propaganda de *shows* já se observava o objetivo de tentar a união dos *punks* com os dizeres "Punk's Unidos" e para evitar uma violência generalizada, problemas com a polícia e conseqüente interdição dos *shows*, as frases "moquia tudo de quebrada" e "não esqueça os docks" (documentos). Mesmo assim permanecia o clima de guerra de *gangs* e a anarquia nos salões por parte do público, pois este revivia, nos *shows*, o clima dos salões com som de fitas: houve vários atritos e depredações apesar das solicitações das bandas e parte do público.

A partir desses encontros as bandas começam a se destacar como precursoras da nova postura, a qual tem como principal característica seu posicionamento contra o sistema, mas só que agora de uma forma explícita e definida, ou seja, construir um movimento que seja "conseqüente" em suas propostas. Abandonando seu aspecto mais violento e recriminando o vandalismo, se apegam à idéia de anarquia como uma forma de encaminhar o movimento, absorvendo algumas idéias do processo pelo qual vinha passando o *punk* na Inglaterra (o *new punk*), como o protesto contra as guerras, o pacifismo e o visual mais estilizado, diferenciando-se deste quando se propõe a organizar um movimento.

Esta postura firma-se entre os *punks* da cidade de São Paulo por duas principais razões: para manter-se atualizado com relação à Inglaterra e devido ao processo de socialização da postura, por parte das bandas, que tornou a identificação mais aces

sível, aumentando consideravelmente o número de *punks* e de bandas, uma vez que esta estrutura abriu mão do uso da violência e de atitudes radicais. Se antes a estrutura de relações era baseada na formação de *gangs*, agora se baseia na formação de bandas e na realização de *shows* como forma de manifestação do movimento. A não formação de *gangs* e o processo de união para a consolidação de um movimento, provocou uma certa homogeneização das idéias entre os *punks* de São Paulo, formando um único grupo: o "pessoal da *city*".

Os *punks* do ABC, mantendo-se ligados à postura original, tinham, freqüentemente, atritos com as *gangs* ou indivíduos da cidade de São Paulo mas com o processo de união dos *punks* de São Paulo, esses atritos começaram a ganhar um caráter de choque entre regiões e não guerra de *gangs*: o "pessoal da *city*", preocupado em organizar o movimento, via no ABC, uma postura inconciliável com ele pelo seu aspecto violento e por ter uma estrutura baseada em formação de *gangs*, e os *punks* do ABC se mostravam hostis a certos grupos de São Paulo que se consideravam donos do território (pontos de encontro e salões) e repudiavam a presença deles nesses mesmos locais. Assim nota-se o esboço de um processo de definição de duas posturas diferenciadas, que vai culminar na guerra entre São Paulo e ABC.

Tendo este caráter de guerra de regiões, a freqüência dos *punks* do ABC na cidade de São Paulo diminuiu. O comparecimento dos *punks* do ABC em São Paulo era motivo de brigas, pois além do "pessoal da *city*" considerar como invasão de território (pontos de encontro que antes eram vistos como locais neutros), julgava que quem dera início à guerra fora o ABC e viam a presença destes como provocação.

Alguns elementos mais marcantes na postura do ABC são a individualidade, que é exteriorizada nos símbolos, visual, gírias, atitudes e que leva à diversidade de idéias; apêgo a atitudes radicais e ao esgrachado para preservação da identidade; pela fal

ta de alternativas de lazer, uma maior dedicação à agitação *punk*. Por exemplo, no visual a idéia é de ser escrachado, mas a individualidade desponta no arranjo de diversos elementos e roupas, aparentemente desconexos, dando uma lógica própria ao seu estilo. A identificação dentro desta postura, entre os diversos indivíduos, reforça a não definição do *punk*, pois estimula a originalidade.

Devido a esta postura, os *punks* do ABC não tinham o objetivo de unificar e diluir as *gangs*, o que dificultava a sua união contra o pessoal de São Paulo para reconquistar o espaço que tinham perdido; o que ocorria era o estabelecimento de alianças entre algumas *gangs* que assim deslocavam-se para São Paulo e lá brigavam com o "pessoal da *city*". Estas alianças não tinham caráter permanente e não pretendiam desencadear um processo de união.

Aos poucos os *punks* do ABC foram ficando isolados, fora do processo que se passava em São Paulo, tendo pouco acesso aos *shows*, limitando suas agitações a seus territórios, o que incentivou a realização de *shows* no próprio ABC.

3.3 Agitação *punk*

Nas bandas do ABC também se reflete a mesma postura, ou seja, não tentam assumir liderança, não falam em nome do movimento, não procuram definir as atitudes *punks*, o que vai de encontro com as características próprias do ABC.

O individualismo, as atitudes radicais, a violência e tudo que compõe a postura do ABC é encarada por eles como forma de manifestação do movimento, concepção esta que entra em confronto com o ideal dos *punks* em São Paulo, que vêem o movimento como uma estrutura organizada, ou melhor, propostas definidas e compartilhadas. O movimento para os *punks* do ABC é entendido como agitação *punk* e não como um grupo organizado com propostas uni-

cas, ao contrário, incentivam as individualidades e a formação de *gangs*.

Para os indivíduos *punks* do ABC, a agitação nas ruas é uma forma política de contestação ao sistema, principalmente como reação à grande repressão policial. O uso da violência passa a ser um mecanismo de dar continuidade à agitação *punk*, evitando sua absorção por parte de mecanismos sociais, ou seja, a orientação da agitação *punk* dentro de um movimento organizado e reivindicatório passa a ter um caráter legítimo pelos direitos sociais burgueses mas, uma vez mantendo-se marginal aos mecanismos legais e extrapolando sua contestação nas ruas, através da violência dirigida ao que considera seu inimigo, rompe com a sociedade representando perigo à ordem. Já a violência entre os *punks* e a guerra de *gangs* com o caráter de violência pela violência, ao mesmo tempo perdendo o sentido da agitação como destruição da passividade e do conformismo, não são fonte de perigo e sim podem funcionar como forma de aliviar as tensões criadas pelo caos social.

A postura do ABC entra em choque com a forma de organização e propostas de São Paulo, porque a primeira discorda das idéias ao nível teórico, que o "pessoal da *city*" incorporou, como por exemplo fundamentar a essência anarquista nos padrões do anarquismo didático, o mesmo acontecendo com relação às atitudes, isto é, para o ABC, a anarquia desponta como algo que representa a ação prática para, além da consolidação do estilo, a contestação da situação política e econômica.

O isolamento do ABC ficou evidente com a postura assumida por São Paulo. Os *punks* do ABC, mantendo-se apegados à postura original, onde não havia uma uniformidade em relação às idéias e atitudes, julgaram a mudança ocorrida em São Paulo como um desvirtuamento do *punk*. A mudança de postura representou também uma alteração dos valores e foi o que justamente provocou hostilidades de ambos os lados.

Quanto à Zona Leste, as *gangs* não tomaram partido, de imediato, na guerra entre São Paulo e ABC, o que permitia a sua frequência em ambos os territórios, mas não necessariamente amistosa. Com a consolidação da postura de São Paulo assumindo novos valores, as velhas rixas com alguns grupos e sua semelhança nas atitudes e idéias com o ABC, as *gangs* da Zona Leste se aliaram às *gangs* do ABC, estabelecendo ligações entre elas e assumindo o subúrbio como seu território, além de incentivar a existência de valores e símbolos próprios em cada *gang*; o que significava não ser uma unificação das *gangs* e sim uma identificação na luta contra as idéias de São Paulo, preferindo manter-se com idéias próprias e particularmente nas *gangs*, além de criar seu espaço para agitação.

Houveram tentativas de união entre São Paulo e ABC através de realizações de *shows* com bandas de ambos os territórios, mas novamente aconteceram atritos, demonstrando a incompatibilidade da convivência das posturas antagônicas. São Paulo acusava os *punks* do ABC de vândalos e trogloditas (por terem um visual mais escrachado e darem maior valor à agitação nas atitudes), já o ABC provocava os "*punks da city*" chamando-os de "*new wave*" e acusando-os de terem se aburguesado, dando um sentido pejorativo à expressão "*punk city*".

3.4 A mídia

Em 1982 a imprensa se dedica à publicação de diversos artigos sobre o *punk* no Brasil, isto porque se sente atraída por considerar singular e original o visual e a organização dos grupos da cidade de São Paulo. Assim vemos a postura dominante em São Paulo sendo explicitada como sendo a única voz do movimento.

Com discurso e atitude de maior acessibilidade, os *punks* de São Paulo foram alvo de reportagens para os meios de comunicação, o que provocou uma certa massificação dos valores *punks* com o perigo de transformá-los em moda.

Raras vezes a postura tanto do ABC como do subúrbio aparece citada nos meios de comunicação, isto porque, sem dúvida, foram a linguagem e as propostas do pessoal de São Paulo que permitiram o acesso aos meios de comunicação, procurando "limpar a imagem" e se afirmar enquanto movimento organizado; quando isso acontece, os *punks* de São Paulo e a própria imprensa referem-se a eles como vândalos ou *maek*-navalhas, que perturbam os *shows* e os salões, não colocando-os como outra forma de encarar o movimento, com outra estrutura e organização. Os *punks* de São Paulo consideram que essas idéias divergentes "atrapalham" o movimento enquanto que os *punks* do ABC acham que o que acontece em São Paulo é puro modismo e deturpação da postura *punk* original.

submerso na criminalidade, esvaziando seu conteúdo contestatório.

Dito isto, não condenamos a utilização, por parte dos *punks*, da imprensa, para exprimir, divulgar e comunicar seu estilo, apenas atentamos para o uso que a mídia faz, satisfazendo seu próprio interesse.

Conclusões

A princípio, o *punk* surge como uma forma de representação da violência que está presente nas relações sociais, tanto a nível de relações das classes sociais e o poder, como da socialização dos indivíduos dentro dessas relações.

A violência assumida pelos *punks* não se resume na devolução da agressão à sociedade mas significa um mecanismo de rompimento com a ordem e os princípios morais estabelecidos e, também, vêem-na como uma maneira de destruir o "poder". Portanto, a identificação com a violência e o lixo se dá como forma de demonstrar que consideram a sociedade toda um lixo e violenta, e por isso, condenando-a.

Já a mídia considera o *punk* como lixo da sociedade e não sua representação crítica, julgando a violência como reflexo da crise social, mas não aceitando-a como manifestação viável politicamente. Sentindo-se atraída pelo *punk* quando este muda de postura, incorporando um novo discurso, o qual, além de ser um reflexo do *new punk*, na Inglaterra, é a tentativa de construir um movimento, limpando sua imagem, a mídia retrata através de uma série de reportagens, suas propostas políticas, seu aspecto original enquanto visual, música e comportamento, tornando-se o *punk* um objeto de interesse, sendo explorado como fonte de notícias e moda.

No meio *punk*, a aquisição da nova postura não se deu de forma generalizada, as ações e práticas relacionadas à postura original continuaram existindo, como por exemplo a violência física contra certos grupos sociais, que frequentemente entram em conflito com os *punks*, o que determinou duas visões diferentes por parte da imprensa: uma, dando ênfase ao *punk* como movimento de jovens com propostas políticas e artísticas coerentes, e outra, enfocando a violência, e condenando o *punk* como um grupo

submerso na criminalidade, esvaziando seu conteúdo contestatório.

Dito isto, não condenamos a utilização, por parte dos *punks*, da imprensa, para exprimir, divulgar e comunicar seu estilo, apenas atentamos para o uso que a mídia faz, satisfazendo seu próprio interesse.

SP.10.7.95

10/7/95

Aos integrantes da banda Garotos Podres

prezados,

como estão?, devido a uma série de dificuldades utilizo desse recurso para solicitar que se possível esclareçam umas duvidas.

Dirijo-me a voces na qualidade de pesquisador sobre o movimento punk tambem interessado em unir esse prazer a uma das facetas do meu atual projeto de trabalho que é fazer mestrado, contudo com uma diferença fundamental, é a de quem vivenciou e conheceu de perto o seu objeto de pesquisa, ou seja o movimento punk.

Devido a nossa convivencia num passado nem tão distante assim, sei da participação de vocês em muitos eventos e momentos importantes do movimento, por exemplo as reuniões que aconteceram entre punks da "citi" e do "ABC" nos anos de 1984/85, que se não acabaram com a violência, pelo menos restringiram essa aos grupos e individuos que estivessem interessados em manter tal conflito, muitos (talvez a maioria) não tinham nem motivos nem disposição para continuar com essa violência pois ja procura vamos coisas além dessa.

A iniciativa surgiu de punks do "ABC" e inegavelmente entre esses estavam membros das bandas Garotos Podres, Infratores e Corte Marcial, fui um dos posteriormente procurados para informar da intenção dessas reuniões: tentar esclarecer as diferenças e propor um fim a violência, um tipo de paz. Derepente percebemos que não tinhamos motivos nem para atacar nem para temer outros punks. A coisa foi restringindo-se a certos grupos, muitos dos caras mais violentos do "ABC" e mesmo muitos dos Carecas do Suburbio participaram das reuniões posteriores e a cena melhorou.

É até gozado, recorde que nunca vi o Mau brigando, muito ao contrario, uma vez ele apanhou em Santo André (Bangu), por tentar defender o pessoal da banda Corte Marcial, O Sucata ou o Mauro nunca os vi brigando e o Portugues (Luiz), uma unica vez e isso no bairro, antes mesmo da entrada dele na banda, isso ha uns 10 anos.

Apesar de não velos praticando ou incitando a violência, ficam algumas duvidas, afinal muitos anos atras, num show na sede do Jd. Sonia Maria (Maua), vocês cantaram uma musica que se lembro bem era "Voltem para o nordeste", depois no disco "Garotos Podres- Mais podres do que nunca", a musica "Fuhrer". Complicado e contraditório ja que no mesmo disco praticamente todas as outras musicas são bastante criticas a atual ordem social, questionam os ~~mitos~~ mitos, liberdade, etc.

Recentemente participando do USPCORE (20/6), novamente ouvi alguns equivocos e absurdos do tipo:

- Antes de 88 havia um vazio, pois os punks anteriores a esse período não fizeram nada (Valo Velho, do KRAP)
- Nunca existiu no Brasil nem musica nem movimento OI! Isso é coisa de careca (Alguem no publico)

Depois equivocadamente falei que as vezes eles precipitavam-se em suas opiniões e citei o fato (inclusive o Valo Velho) de dizerem que vocês eram nazistas, que mantinham relação com os skinheads, que seu disco em Portugal saiu por uma gravadora ligada aos Skins portugueses. Assim para esclarecer essa e outras duvidas como pessoa que conviveu com vocês e de pesquisador que tenta aprender mais é que escrevo.

Interessante é que o Falcão da banda Excomungados estava presente e disse que a banda deixou de tocar pois nem os punks nem os carecas gostavam deles pois não se prendiam a uns e não aderiram aos outros, lembrei de uma situação parecida com vöces.

Pois bem devido as dificuldades ja citadas, o jeito é esse questionário, solicito que se possível enviem a resposta datilografada, de qualquer forma pretendo enviar cópia dessa bem como da resposta para os vários fanzines e grupos punks com quem mantenho contato, além de utiliza-lo em meu trabalho. Por favor respondam:

1º-Tem algo a falar sobre as musicas citadas?

2º-Existiu ou não a musica OI!?, no disco tem inclusive a musica "Anarquia OI!"
Definam.

20/7/95

- 3º-Vocês tem ou tiveram alguma relação com os skinheads?, sejam grupos, gangues, bandas ou gravadoras?
- 4º-Como definiriam sua experiência política nos anos iniciais de participação no movimento punk?
- 5º-Os punks tinham claro as definições de Comunismo, Anarquismo, Nazismo? Conheciam suas teorias, práticas, idéias e história?
- 6º-Percebem uma evolução política do movimento?, afinal vocês também amadureceram com ele?.
- 7º-Hoje como se definiriam politicamente? Alguem mantém relação com grupos políticos, sejam partidários ou não?
- 8º-Quais as atividades profissionais que desenvolvem e como se dão nessas?, ou atualmente vivem da sua música?
- 9º-Como veem a política internacional e como essa reflete-se no Brasil?
- 10º-Como veem os grupos de skinheads hoje?
- 11º-Na violência carecas X Punks (e vice-versa) existe uma prática explicitamente política, ou seja são nazistas contra anarquistas? Como vem essa polemica?
- 12º-Supondo que não mantenham relação com os neo-nazistas, acham que eles são um problema imediato, que merece ser até fisicamente combatido?
- 13º-Podemos dizer que temos um crescimento do número de adeptos do nazismo ou uma nazistificação da sociedade uma vez que essa passa a ver na violência sua única saída para a questão social?
- 14º-Gostariam de fazer mais algum comentário?.

Antecipadamente agradeço e aguardo ansioso pela resposta.

Antonio Carlos de Oliveira, secretário do CCS

Centro de Cultura Social
ARQUIVO PUNK

CENTRO DE CULTURA SOCIAL
CAIXA POSTAL 2066 - São Paulo/SP
CEP.: 01060-970

- 1- Sobre as músicas citadas. **Voltem Para o Nordeste**. Lá pelos idos 1983-84, surgiu uma “brincadeira” (de mau gosto, por sinal) entre alguns Punks e Skins do ABC (Claudinho, Sanatório, Carequinha etc.), de tirar os sarro da gente, dizendo coisas do tipo: Pô!, o Português é português; o Sukata é grego; vamos mandá-los de volta!. Em resposta, fizemos esta música, devolvendo-lhes esta “tiração” de sarro!

Obviamente, esta música nunca pretendeu ser séria, mesmo porque nunca fomos a favor desta tipo de preconceito (além disso, obviamente, como morador do ABC a mais de 30 anos, a maior parte de meus amigos são nordestinos ou filhos de nordestinos).

Em relação ao **Führer**, posso dizer o seguinte: ela foi composta na época do massacre de “Sabra” e “Chatila” - dois campos de refugiados, em que milhares de palestinos foram massacrados (no início da década de 80), pelas tropas israelenses - a intenção da música foi a de comparar a lógica totalitária do estado de Israel, com a lógica totalitária do Regime Nazista. Infelizmente a música foi mal compreendida. Por isso quero afirmar mais uma vez, que não sou a favor de estados totalitários que pregam a identidade nacional a partir da identificação racial, como foi o caso da Alemanha Nazista, da África do Sul ou, infelizmente ainda é o caso, de Israel.

- 2 - Respondo junto com a questão 10

- 3 - Além do Punk Rock, sempre gostamos do som OI (Business, 4 Skins, Blitz etc.); no início dos anos 80, andávamos com o pessoal que curti Punk Rock, e também OI, pois não havia esta separação que existe hoje, no Brasil. Punks, Carecas, “moçada” de outras “tribos”, ou de “tribo” nenhuma, sempre freqüentaram nossos shows; nunca “escolhemos” o público; sempre tocamos para quem tivesse a fim de

8/95

nos ouvir. Em relação as gravadoras (acho que você se refere as "gravadoras ligadas a Skins portuguesas") posso lhe dizer o seguinte: Até agora, conseguimos lançar dois trabalhos na Europa, a coletânea "Vozes da Raiva - vol.1", pela Fast'n'loud de Portugal (junto com o "Mata-Ratos" e o "Pé-de-Cabra); e o E.P. "Mordomia", pela One by One, da França. Estas gravadoras não só não são "ligadas aos Skins", como querem evitar este tipo de ligação. No caso da One by One, eles se dispuseram a lançar o E.P. apenas depois de enviarmos as traduções da letras, pois recusam-se a lançar o que eles chamam de "bandas políticas" (fascistas).

4, 5 e 6 (estou respondendo-as juntas) - Alguns Punks que "se dizem anarquistas", não gostam de nós, e nos acusam de "fascistas"; já os Skins que "se dizem fascistas", também não gostam de nós, nos acusando de "comunistas"... e se houvesse Punks ou Skins comunistas, provavelmente nos acusariam de "anarquistas", que nos acusam de "fascistas", que nos acusam de "comunistas"! ... ISTO ENCHE PROFUNDAMENTE O MEU SACO! ... ao que me parece a "politização" do movimento Punk, se dá as avessas: incorporando justamente o que se tem de **pior** na tradição política; o **sectarismo** e a **intolerância**.

No início da década de 80 os Punks (não havia ainda Skins - no Brasil eles surgem a partir do movimento Punk, por volta de 1982), não tinham ainda clareza política. Poucos conheciam os rudimentos teóricos ou históricos das principais correntes políticas; embora muitos afirmassem ser "anarquistas", e utilizassem "botons" com o "A" (que de alguma forma tornou-se quase que um "símbolo" do movimento Punk), a grande maioria sabia muito pouco sobre o Anarquismo, e ainda confundia "Anarquia com bagunça"...

O única organização política que tinha alguma inserção entre os Punks no início da década de 80 era o "Alicerce da Juventude Socialista" (o setor estudantil secundarista da "Convergência Socialista"); entretanto esta "inserção" era bastante limitada, uma vez que não se dava de forma orgânica e coletiva; ela se dava, ao contrário, de forma individual. Acontece que muitos de nós, estudávamos à noite, e nos colégios em que estudávamos muitos de nós acabávamos entrando em contato com o movimento secundarista, e com o "Alicerce", que era uma das principais correntes políticas no movimento estudantil da época. Lembro-me de alguns Punks que militavam no "Alicerce", como o Miguel (hoje militando na Causa Operária) e o Negão (da banda "Grito de Alerta") e até mesmo de um fanzine de São Paulo, em que um tal de Renato (não sei quem é), propunha a formação do "Alicercunk", ou seja a formação dos Punks do "Alicerce". Acredito que naquela época havia uma certa aproximação (casual) entre os Punks e o discurso "trotskista" radicalizado do "Alicerce".

Hoje, acredito que a "politização" do movimento pouco evoluiu, embora determinados grupos ou pessoas preocupem-se constantemente em se definir e posicionarem-se politicamente. Ao que me parece este posicionamento se dá de forma totalmente superficial e estereotipada, muitos definem-se como "anarquista", "fascista" ou qualquer outro "ista", sem compreender qual o verdadeiro significado da corrente política a qual dizem seguir!, muitas vezes assumem uma identidade política da mesma forma que ingressariam numa torcida uniformizada de futebol! ... É a "politização despolitizada", ou a "politização as avessas" de que me referi anteriormente.

8/95

7- Sobre a questão do posicionamento político, eu acredito que isto se dá na esfera individual, por isso acho difícil falar do "posicionamento político" do "grupo". Por este motivo vou restringir-me a falar exclusivamente do meu posicionamento político (se você quiser saber dos demais, acharia interessante entrevistar os outros componentes do grupo).

No início da década de 80, estive próximo do "Alicerce" (inclusive, nas eleições de 82, votei nos candidatos da "Convergência Socialista", que na época ainda estava no Partido dos Trabalhadores). Posteriormente, na segunda metade da década de 80, estive próximo ao "O Trabalho" (embora nunca tivesse organicamente ligado a nenhuma destas duas organizações "trotskistas"). Atualmente, sob o ponto de vista ideológico, considero-me um "marxista não-ortodoxo", bastante influenciado pela "nova esquerda" da década de 60(tenho bastante interesse pelo Maoísmo e o Castro-Guevarismo), simpatizante do PT (não filiado), e militante de base do movimento sindical da CUT (professores).

8 - Infelizmente nunca conseguimos sobreviver exclusivamente da música, por este motivo, para sobreviver, sempre tivemos outras atividades, sendo que atualmente eu sou professor de história, e aluno de pós-graduação em história econômica. o Mauro é tatuador, o Sukata trabalha com publicidade e estudante de Direito, e o Português abriu uma video-locadora.

9 - Acredito que nas ultimas décadas temos um processo crescente de integração econômica a nível internacional, processo econômico, comumente chamado de "globalização da economia"; a consequência imediata deste processo a nível superestrutural são as chamadas "políticas neo-liberais", que resumem-se em ultima

8/95

análise a um sistemático ataque as conquistas dos trabalhadores em todo o mundo, sendo que este quadro agravou-se sobremaneira, a partir da desintegração do chamado "bloco socialista". (fui muito sintético?, se quiser, posso desenvolver melhor o tema)

- 10 - Acredito que a desinformação sobre o tema aqui no Brasil, é muito grande, o que causa uma série de confusões: em primeiro lugar não existe propriamente um movimento Skinhead, mas sim vários movimentos, dos quais a maioria nunca ouvir falar: como por exemplo os Suedeheads, os Boot Boys, o 2 Tone, os Redskins, o Oi, etc.

Muitos ficariam surpresos em saber que os Skinheads do final dos anos 60, curtiam reagae (inclusive Bob Marley), Ska e Soul, ou seja, musica negra por excelência; pouquíssimos aqui no Brasil ouviram falar do 2 Tone, um movimento, que pregava a integração racial através da música (Ska), "negros e brancos tocando e se divertindo juntos" (por isso dois tons - 2 Tone - negro e branco); ou mesmo poucos conhecem os Redskins (Skins "vermelhos" - geralmente de orientação "trotskista"). Mesmo o movimento Oi (a fusão entre Punks e Skins) é pouco conhecido no Brasil, caso contrário não sairia tanta treta por aqui ...

Na Europa, principalmente a partir da década de 80, surgem Skinheads "fascistas" ou até mesmo "neonazistas"; entretanto são grupos minoritários, que não podem andar sossegadamente pela rua sem correr o risco de apanhar de algum Punk ou Skin antifascista. Entretanto, a imprensa (sensacionalista como sempre), construiu o estereótipo do Skinhead "neonazista"; e muitos Punks e até mesmo Skins, que

deveriam por obrigação buscar a informação por fora dos meios de comunicação, acabam por engolir este lixo criado pela imprensa burguesa!

- 11 - Eu acho que a lógica deste tipo de violência esta fora do âmbito das idéias e da filosofia política; ela esta muito mais ligada ao plano da violência das "gangues" ou das torcidas organizadas.
- 12 - O que me preocupa não é o garoto que se intitula "neonazista", sem saber o que isto significa; o que realmente me preocupa a "direita de verdade", porque é ela que está no poder. Quer exemplos? Romeu Tuma (diretor do DEOPS, durante a ditadura militar, e hoje, Senador da República); Paulo Salim Maluf (agente e colaborador da ditadura, e hoje, Prefeito de São Paulo); isto sem falar nos Erasmos Dias, ACMs, Zés Sarneys, Marcos Macieis e centenas de outros mais ... estes é que são realmente perigosos, pois não são "fascistas de mentirinha", mas "fascistas de verdade".
- 13 - Acredito que o mundo vive o "imperialismo na sua fase mais decrépita" (ou seja o que comumente chamam de "globalização da economia", com suas "políticas neo-liberais"); dentro desta fase, existe a possibilidade do sistema capitalista não ser mais capaz de resolver suas contradições internas, sem recorrer a violência explicita, ou seja, de recorrer a "ditadura manifesta do capital" (fascismo). Entretanto, se a **violência** se tornar a "única saída para a questão social", no âmbito do capital; também tornar-se-a a "única saída para a questão social", para os trabalhadores. Somente a solidariedade dos trabalhadores de todo o mundo poderá impedir ao que você chama de "nazistificação da sociedade", e mais do que isto, derrotar o sistema econômico que a engendra.

08/95

Valeu Carlão, espero ter respondido suas questões à contento!

caso precisar de mais alguma coisa, é só me procurar!

Centro de Cultura Social
ARQUIVO PUNK

CENTRO DE CULTURA SOCIAL
CAIXA POSTAL 2066 - São Paulo/SP
CEP.: 01060-970

Um forte abraço,

José Rodrigues Mão Júnior

PS: Você não acharia interessante omitir a 1. questão (e as referências às músicas em seu texto), não de seu trabalho, mas de material a ser enviado a outros fanzines?